



SEÇÃO: ARTIGOS E ENSAIOS

COVID-19 e as catadoras de materiais recicláveis: precarização da vida e saúde frente ao medo da fome ou o risco do contágio

COVID-19 and waste pickers: precariousness of life and health in the face of fear of hunger or the risk of contagion

**Joaquim Pedro Ribeiro
Vasconcelos¹**

orcid.org/0000-0002-1399-0715
vasconcelosjpr@gmail.com

**Izabel Cristina Bruno
Bacellar Zaneti²**

orcid.org/0000-0002-7484-1799
izabel.zaneti@yahoo.com

**Sílvia Maria Ferreira
Guimarães³**

orcid.org/0000-0002-2097-2355
silviag@unb.br

Recebido em: 19 fev. 2021.

Aprovado em: 25 jan. 2023.

Publicado em: 31 mar. 2023.

Resumo: Este artigo aborda as experiências das catadoras de materiais recicláveis diante das implicações provocadas pela pandemia da COVID-19 em uma associação no Distrito Federal (DF). O objetivo principal foi compreender a situação de vida precária das mulheres catadoras inseridas em uma desigualdade sistêmica e institucional do capitalismo. Para tanto, foi realizada uma etnografia que combinou técnicas de observação, interação e escuta (conversas informais e entrevistas semiestruturadas). Através disso, permitiu-se o acompanhamento do cotidiano de vida dessas mulheres, desde a instauração de uma das maiores crises sanitária da humanidade até o período do retorno às atividades laborais. Os resultados revelaram que as catadoras estão inseridas na lógica de precarização da vida, sendo que as condições foram agravadas com a chegada do novo coronavírus quando aumentou a vulnerabilidade relacionada ao vínculo de trabalho informal, a insalubridade e os riscos à saúde inerentes à ocupação e às dificuldades de acesso aos serviços de saúde e assistência social. O contexto mostra uma lida complexa relacionada ao medo do desemprego, às dificuldades e às barreiras do ingresso no mercado de trabalho e de manutenção da própria subsistência. Sobretudo, isso agravou-se de forma mais intensa diante da ausência de políticas e programas voltados para elas: o Estado fez pouco para a redução dos impactos da pandemia em suas vidas. Assim, a crise sanitária instaurada refletiu a fragilidade delas em face ao ciclo da reciclagem. Este fato demonstra a necessidade urgente de ações governamentais que abarquem esse grupo social tanto no momento da pandemia quanto pós-pandemia da COVID-19, visando superar a invisibilidade social.

Palavras-chave: catadoras de materiais recicláveis; precarização da vida; desigualdades sociais; COVID-19.

Abstract: This article addresses the experiences of women waste pickers in the face of the implications caused by the COVID-19 pandemic in an association in the Distrito Federal (DF). The main objective was to understand the precarious life situation of women waste pickers inserted in a systemic and institutional inequality of capitalism. For that, an ethnography was carried out that combined observation and listening techniques (informal conversations and semi-structured interviews). Through this, it was possible to monitor the daily life of these women, from the onset of one of the greatest health crises in humanity until the period of return to work activities. The results revealed that the waste pickers are inserted in the logic of precariousness of life, and the conditions were aggravated with the arrival of the new coronavirus when the vulnerability related to the informal work bond, the unhealthy conditions and health risks inherent to the occupation and the difficulties increased. access to health and social assistance services. The context shows a complex deal related to the fear of unemployment, the difficulties and barriers to entering the labor market and maintaining one's livelihood. Above all, it worsened more intensely in the face of the absence of policies and programs aimed at them, the State did little to reduce the impacts of the pandemic on



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), Águas Lindas, GO, Brasil.

² Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

³ Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

their lives. Thus, the established health crisis reflected their fragility in the face of the recycling cycle. This fact demonstrates the urgent need for government actions to embrace this social group, both during the pandemic and post-pandemic of COVID-19, aiming to overcome social invisibility.

Keywords: waste pickers; precarious of life; social conditions; COVID-19.

Introdução

Esta investigação qualitativa apresenta, mediante a convivência e a troca de afetos, as narrativas das catadoras de materiais recicláveis diante das implicações provocadas pela pandemia de *coronavirus disease 2019* (COVID-19). As trabalhadoras da reciclagem participantes estão vinculadas a uma associação localizada no Distrito Federal (DF). Essas mulheres vivem e trabalham em Ceilândia (DF). Contudo, existem em todo o território candango 22 cooperativas associadas à Central das Cooperativas de Trabalho de Catadores(as) de Materiais Recicláveis do DF (CENTCOOP).

Contraditoriamente, mesmo ocupando uma função tão importante para a sustentabilidade das cidades e preservação do meio ambiente, ao agirem como o elo principal na gestão dos resíduos sólidos urbanos, as mulheres catadoras encontram-se em uma situação-limite de sobrevivência, onde acabam também comprometendo a proteção da própria saúde, o que ficou mais latente durante a pandemia do novo coronavírus (ROCHA *et al.*, 2021). Foi quando mundialmente alertou-se para uma situação de emergência em saúde pública, decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ao mesmo instante que para essas trabalhadoras, a emergência em saúde pública significou para toda a população um risco pessoal e familiar do medo de adoecer, ou em uma condição clínica mais grave o pânico da morte. Embora, para a realidade das catadoras, o vírus acoplou-se também a outros significados não menos importantes, infelizmente, do que a segurança da própria vida. Silva, Santos e Cardoso (2021) alertam que as catadoras vivem

um profundo processo de precariedade laboral, estando situadas sempre próximas de pôr em risco sua saúde para garantir a sobrevivência.

Ao instaurar-se a conjuntura de emergência em saúde pública em todo o território nacional – em março 2020, foram iniciadas as restrições das atividades sociais e econômicas, visando às necessárias medidas de isolamento e distanciamento social voltadas para conter a proliferação do *severe acute respiratory syndrome – related coronavirus 2* (SARS-CoV-2). O Distrito Federal foi a primeira Unidade Federativa (UF) a tomar essa decisão, sendo que esse território abarca 11% das catadoras de todo o Brasil⁴ (ELEUTÉRIO, 2020, p.1).

Historicamente, antes mesmo da pandemia da COVID-19, a situação das catadoras é marcada pela precariedade da vida e pelas opressões vividas injustamente. Mas, perante a crise sanitária contemporânea, as condições foram explicitadas em maior grau e com as vulnerabilidades associadas se intensificado para essas trabalhadoras.

Primeiramente, pelo fato de os galpões de reciclagem terem sido fechados, elas consequentemente ficaram sem renda alguma, pois os auxílios financeiros do governo demoraram aproximadamente mais de três meses para chegarem até as catadoras. A competitividade e as exigências do trabalho formal as impediram de se reinventarem. As condições das moradias e a quantidade de familiares impediam a adoção do distanciamento. Tinham, também, a intensa preocupação com a falta de dinheiro para o pagamento dos aluguéis (das contas), a manutenção da própria alimentação, a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, seja para realização de exames para o diagnóstico da COVID-19 quanto para uma assistência à saúde oportuna. Esses foram alguns dos principais dilemas enfrentados no cerne da pandemia da COVID-19. As catadoras foram duplamente excluídas do acesso aos bens e serviços públicos no Brasil durante a COVID-19, haja vista a ameaça do desemprego, aliada à dificuldade de acesso e manutenção do

⁴ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/11/4891464-distrito-federal-tem-11--dos-catadores-de-reciclavéis-do-pais.html>. Acesso em: 26 nov. 2020.

recebimento do auxílio emergencial "concedido" pelo governo (BASTOS, 2021).

As catadoras de materiais recicláveis estão inseridas em um sistema de opressão marcado por vulnerabilidades estruturais relacionadas às complexas condições de vida, às espinhosas relações do trabalho informal e aos riscos iminentes à saúde física e psicológica. Estas condições acabam as colocando em uma posição social às margens da sociedade. Consequentemente, tais condições de submissão afetam sobremaneira a situação de saúde no seu sentido mais amplo de forma mais significativa. Essas trabalhadoras que sobrevivem e resistem, a partir de uma estrutura marcada por desigualdades sociais de todas as ordens, sobrevivem da cata e venda dos resíduos sólidos nas grandes cidades, tornando-se quase que permanentemente como um grupo invisível socialmente e estigmatizado, logo marcado pela precarização da vida.

Interpreta-se "vidas precárias" nos termos de Judith Butler (2015), quando ela afirma que todas as vidas são precárias, viver é sempre viver uma vida vulnerável desde o início, mas questiona: quais contam com condições materiais, sociais e existenciais de se fazerem uma vida vivível? No cenário de desigualdade sistêmica, algumas vidas são apontadas como não necessitando de proteção contra a violência, a fome ou pandemias. Essas podem ser eliminadas de uma hora para outra a partir do exterior e por motivos que nem sempre estão sob o controle das pessoas.

As catadoras desenvolvem suas atividades laborais em situações precárias, sem nenhum direito trabalhista, além de vivenciarem políticas sociais ineficientes, que não atendem às suas necessidades quanto às condições de alimentação, habitação, educação, renda, ambiente, trabalho, emprego, lazer, liberdade e acesso aos serviços de saúde. Em consoante a esse contexto, a pandemia da COVID-19 evidenciou que os grupos populacionais historicamente negligenciados e desfavorecidos, aqueles com baixa proteção ao emprego, juntamente com as populações sem acesso adequado aos cuidados em saúde

acessíveis estão entre os mais atingidos, especialmente, ao maior risco de contaminação, consequentemente, de óbitos (SANTOS *et al.*, 2020, p. 236).

De acordo com Barbosa, Costa e Heckscher (2020, p. 61), "os mais afetados em termos de perda de ocupação foram as mulheres, os mais jovens, os pretos e os com menor nível de escolaridade". Segundo Costa *et al.* (2020), há uma maior incidência de epidemias – tal como zika, *Aids* e dengue nas regiões periféricas e vulneráveis dos grandes centros urbanos e isso não foi diferente com a COVID-19, consoante a maior concentração de pobreza, à alta densidade demográfica, às precárias condições de moradia, à carência de saneamento básico e à dificuldade latente de acesso aos serviços de saúde.

Ao mesmo instante, quando as catadoras retornaram às atividades laborais com a flexibilidade de algumas medidas sanitárias os cuidados de proteção à saúde devem ser redobrados, haja vista o risco de contágio, devido o descarte de produtos contaminados, como luvas e máscaras, além das já precárias condições de trabalho e insalubridade da ocupação. Consequentemente, ao retornarem ao trabalho vivem o dilema da quarentena do lixo reciclável e de outras medidas de proteção e segurança, tal situação comprometeu a produção e a renda familiar mensal. A falta de reconhecimento, de valorização da profissão e a ausência de contratos de prestação de serviços que garantam uma justa remuneração aprofundam ainda mais a precariedade da atividade, já marcada pela insalubridade (SILVA; SANTOS; CARDOSO, 2021).

Por fim, este artigo teve o objetivo principal de compreender a situação de vida precária das mulheres catadoras inseridas em uma desigualdade sistêmica e institucional do capitalismo. Isso, tendo em vista que configuram um grupo socialmente excluído da sociedade, consoante à consideração feita em entrevista por Marcel Bursztyn (ZANETI, 2006), ao mesmo tempo que carregam em si os estigmas e preconceitos da ocupação e a invisibilidade social.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo que buscou imergir na realidade das catadoras apresentando suas narrativas, seus dramas e dilemas diante do contexto do novo coronavírus no DF, correspondido ao período vivido de março de 2020 a novembro do mesmo ano. Acompanhou-se uma associação de catadoras que exerce suas atividades laborais na Usina de Reciclagem e Compostagem de Resíduos Sólidos, no bairro P. Sul, em Ceilândia.

A abordagem utilizada foi a etnográfica onde, conforme Nakamura (2011), é caracterizada pela descrição aprofundada dos fenômenos e pela sua observação minuciosa. Essa abordagem é pautada pelo olhar, ouvir e escrever (OLIVEIRA, 1996), preservando um intenso trabalho coletivo de interação entre os pesquisadores e as envolvidas (MINAYO, 2010). Segundo Oliveira (1996), o trabalho de campo com a abordagem etnográfica contempla esses três momentos, o olhar, o ouvir e o escrever. O olhar e o ouvir cumprem a função de coleta de dados, enquanto o escrever faz parte do momento de análise e interpretação dos dados obtidos em campo.

As informações foram coletadas por meio de momentos essenciais de trocas a partir da vivência e interação por meio de conversas informais oportunizadas de maneira, às vezes, virtual ou presencial com as catadoras participantes. A observação e a interação a partir de conversas informais com as catadoras foram iniciadas logo quando se decretou a chegada da pandemia da COVID-19 no território nacional. Sendo assim, em uma oportunidade mais segura, no início de novembro de 2020, realizaram-se as entrevistas semiestruturadas, tendo como ponto de partida e aprofundamento algumas questões norteadoras observadas desde o início da pesquisa em março de 2020. As entrevistas foram feitas seguindo algumas medidas de precaução como: o distanciamento de um metro e meio, o uso de máscaras pelos envolvidos (pesquisadores e participantes), a disponibilidade de álcool em gel

e a escolha de um ambiente aberto e arejado, onde se sucederam as escutas, que foi embaixo das árvores em frente à sede administrativa da associação localizada no espaço da Usina.

As entrevistas semiestruturadas foram gravadas, quando permitidas por meio do consentimento verbal das participantes, combinando perguntas abertas e fechadas, foram realizadas durante o descanso do horário de almoço, com cada uma tendo, em média, 40 minutos de duração. Através do diálogo estabelecido nas entrevistas, elas foram transcritas⁵ e, posteriormente, analisadas de acordo com as unidades de significados (MOREIRA; SIMÕES; PORTO, 2005).

Desse modo, acompanhou-se a lida cotidiana das catadoras frente ao novo coronavírus em dois momentos significantes e emblemáticos para elas e os familiares. Inicialmente, quando tiveram os locais de trabalho fechados, onde as atividades da coleta seletiva foram suspensas no DF pelo Decreto n.º 40.548, de 20 de março de 2020. E, posteriormente, quando ocorreu o início da flexibilização e a retomada da continuidade dos serviços de coleta seletiva e triagem de resíduos sólidos recicláveis pelo Decreto n.º 40.847, de 30 de maio de 2020. Em 29 de agosto de 2020, a associação participante conseguiu retornar às atividades laborais, após conseguirem cumprir algumas exigências como terem um plano de segurança e prevenção de risco, passarem pela avaliação das autoridades sanitárias, mediante também a aprovação do Serviço de Limpeza Urbana (SLU) referente às adequações feitas em todo ambiente de trabalho. Essas medidas de proteção e prevenção contra à COVID-19 buscaram minimamente reduzir os riscos de contágio no contexto das atividades laborais da cata nas associações e cooperativas no DF.

Algumas informações relevantes do perfil sociodemográfico das participantes estão apresentadas no Quadro 1.

⁵ Optou-se por manter a grafia e/ou literalidade da fala das entrevistadas apresentadas nos resultados do artigo, cuja finalidade visa preservar o contexto.

QUADRO 1 – Perfil das trabalhadoras catadoras entrevistadas

Nome	Idade	Tempo de cata	Escolaridade	Tipo da moradia	Cidade de origem
Sônia	54 anos	17 anos	Fundamental incompleto	Própria	Serra Talhada/PE
Rita	26 anos	10 anos	Médio completo	Própria	Ceilândia/DF
Maria	41 anos	28 anos	Analfabeta	Própria	Jacobina/BA
Carla	29 anos	11 anos	Médio Completo	Alugada	Luzilândia/PI
Ingrid	35 anos	13 anos	Fundamental incompleto	Alugada	Barro Duro/PI
Célia	35 anos	6 anos	Primário incompleto	Alugada	Irecê/BA

Fonte: Elaboração própria.

As informações apresentadas do perfil das trabalhadoras participantes caracterizam-nas como uma população em vulnerabilidade em tempos pandêmicos, fazendo parte das histórias de vida delas: a baixa escolaridade devido às dificuldades de acesso à educação, principalmente, pelo início do trabalho precoce (infância) em atividades que garantiram meramente o meio de sobrevivência; a cata tornou-se uma atividade laboral para as jovens pelas dificuldades de acesso e exclusão do mercado de trabalho formal, devido a uma série de fatores como a competitividade, o alto índice de desemprego estrutural, a crescente informalidade etc.; a situação habitacional revela as implicações e o medo do despejo, especialmente, em época pandêmica, daquelas que moram em casas pequenas ou barracos alugados pagando aluguéis absurdos; a maioria das catadoras que possui a casa própria foram em decorrência dos programas sociais de habitação, onde lutaram por esse direito durante um considerado tempo; e o histórico de migração revela o processo de êxodo rural, a saída das áreas rurais, principalmente, do Nordeste para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida e trabalho. Esse contexto apresentado da situação social das catadoras é evidenciado também em outras realidades pesquisadas, como corroborado nos estudos de Júnior *et al.* (2013), Oliveira *et al.* (2011) e Almeida *et al.* (2009).

Por fim, em relação às considerações éticas do estudo, os nomes das entrevistadas e de seus familiares citados nos relatos foram modificados para protegê-las. Ademais, este estudo faz

parte de um projeto de pesquisa maior (CAAE 34150214.9.0000.5540), avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (UnB).

Resultados e discussão

O Movimento Nacional dos(as) Catadores(as) de Materiais Recicláveis (MNCR) (2019), de acordo com o seu último levantamento sobre a caracterização da categoria, divulgou a quantidade aproximada de 800 mil catadores e catadoras em atividade no país, são responsáveis pela coleta de 90% de tudo que é reciclado. Esses homens e mulheres sentiram e vivenciaram com a chegada do novo coronavírus um momento marcado por muitas dificuldades, pois detinham apenas de tal renda para a sobrevivência e ela foi comprometida sem exatamente saberem da capacidade do vírus. Logo, as subjetividades do “ser catadora” se intensificaram. Conforme o relato de uma trabalhadora:

Veio essa pandemia não vai parar nessa pandemia né, porque o mundo ele não tá melhorando, a saúde do mundo ele nunca tá melhorando, ele sempre a cada ano ele tá piorando, então essa pandemia é uma das que vai vim, então como que eu vou confiar num emprego que ele já é insalubre, ele já é contaminante né, veio essa pandemia fechou as portas e futuramente o que pode vim por vim, você acha que não vai fechar? vai fechar (Rita, informação verbal).⁶

Para Besen e Gutberlet (2020), as trabalhadoras da reciclagem vinculadas a associações ou cooperativas e, também, aquelas autônomas

⁶ Trecho da fala de Rita concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 04min.

que fazem a coleta nas ruas das cidades, foram seriamente afetadas pela pandemia da COVID-19 e pela crise econômica. Além disso, constatou-se que as condições socioeconômicas em que elas vivem e os aspectos relacionados às condições do trabalho, marcam e colocam essas mulheres em uma situação de maior risco de contaminação. Logo, configuram-se como uma população vulnerável ao vírus. Conforme denuncia uma das catadoras:

Aqui é um ambiente insalubre, é um ambiente já contaminado por si só, aqui é a usina de catção ela já é contaminada há lixo há resíduos né, passam pelas pessoas né, há lixos que vêm contaminado questão não é hospitalar [...] o lixo que chega é de residência, é de pessoas que têm diabetes, pessoas que têm outras doenças que estão se recuperando em casa e aquele lixo que é descartável que tem muitas pessoas que não tem a noção né descarta no lixo e querendo ou não chega até nós né, então é um lixo contaminante, e aí agora com essa doença (covid-19) [...] abalou tanto a gente que já estava abalado com o medo de se contaminar e o medo também de morrer de fome (Rita, informação verbal).⁷

De acordo com Boaventura Santos (2020), as medidas de proteção sanitárias que foram empregadas de higienização, isolamento e distanciamento social tornam-se difíceis para uma parcela da população, mas impossíveis para outras. As pessoas e os grupos sociais que vivem e moram nas periferias das grandes cidades, mulheres negras e trabalhadoras precárias e informais, apresentam uma realidade marcada por desigualdades sociais estruturais de raça, gênero e classe que lhes expõem diariamente a mais risco de contaminação pelo SARS-CoV-2. Como dito por elas: "O que adianta você se prevenir dentro da sua casa, aí você precisa trabalhar, você necessita trabalhar, querendo ou não você tem que ir" (Rita, informação verbal).⁸ E, seguem:

Essa epidemia foi muito difícil para nós todos viu, foi complicado demais, muita gente precisando de tudo, porque a gente passou por várias coisas né, quase necessidade na verdade né, porque a gente tem filhos e tava precisando tipo assim comprar um remédio, alimentação (Ingrid, informação verbal).⁹

Mesmo com essa epidemia com esse surto que deu nós vinha trabalhar, porque nós sabe o que nós deixou em casa né, que depende desse trocadinho (Maria, informação verbal).¹⁰

Esses grupos vulnerabilizados pela discriminação racial, sexual e pela exploração capitalista, onde localizam-se as mulheres catadoras, sofreram e vêm sofrendo mais as consequências dessa estratégia de morte provocada pelos próprios agentes do Estado, tendo em vista que acreditam na "imunidade de rebanho" para contenção do SARS-CoV-2 e nas narrativas que minimizam a COVID-19 e alguns de seus efeitos. Isso é verificado no relato de uma das lideranças da associação:

Esse negócio aí da pandemia a gente ficou cinco meses sem renda nenhuma [...] se não fosse os voluntário se não fosse as parcerias que nós tivemos [...] eu acho que até tinha tido gente que tinha ido a óbito, não por causa do coronavírus mas por causa da fome, porque como você sabe a gente trabalha numa área do governo e contrato com o governo, mas nesse período aí o governo realmente no contrato ele não fez diferença nenhuma, ao contrário ele complicou a vida de todos os catadores [...] a gente ter que sair daqui com ônibus cheio para ir reclamar pelos nossos direito na SEDESTMIDH e chegar lá a gente realmente receber um não na cara [...] é por isso que diante de tanta dificuldade e necessidade essas pessoas carentes que somos nós, eu pedi para que a gente voltasse a trabalhar, mesmo em tempo de pandemia, porque eu fiz a voz de 76 pais de família que trabalha comigo que trabalhamos junto na catção do material reciclável, porque por ser só todo mundo sabe que o lixo já é lixo nós trabalha numa insalubridade pública [...] nós trabalha não é por boniteza é por necessidade por precisão (Sônia, informação verbal).¹¹

Em outro momento do relato, a entrevistada expõe:

⁷ Trecho da fala de Rita concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 04min.

⁸ Trecho da fala de Rita concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 04min.

⁹ Trecho da fala de Ingrid concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 31min 44s.

¹⁰ Trecho da fala de Maria concedido aos(as) pesquisadores(as) em 23 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 30min 59s.

¹¹ Trecho da fala de Sônia concedido aos(as) pesquisadores(as) em 22 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 19min 56s.

A gente tá trabalhando simplesmente que você sabe que você pode ir em uma farmácia e comprar o medicamento, você pode chegar no supermercado e você dizer assim eu vim comprar isso, assim e assim você vai passar no caixa com orgulho, e quando você tá sem trabalhar você não pode fazer isso, então se você não tem a qualificação e você não tem condições de você comprar o medicamento fica difícil, porque além de bater as dívida, a fome, o aluguel você não tinha pra nada e a gente só vale aquilo que tem (Sônia, informação verbal).¹²

A precarização da vida e do trabalho são marcas arreigadas no cotidiano dessas mulheres. E em uma realidade de pandemia, as fragilidades das relações sociais e trabalhistas foram escancaradas, especialmente, provocadas pela informalidade do trabalho, ao mesmo tempo que atendem a uma lógica capitalista de ultraexploração. Elas não tinham a alternativa de continuar o trabalho *home office* como as classes sociais mais privilegiadas ou terem o luxo de transformarem um cômodo da casa em escritório ou mesmo uma biblioteca para os estudos dos filhos. Não recebiam o salário porque ele depende da produção diária do seu árduo trabalho e, ao mesmo tempo, não contaram com um fomento de renda digna por parte do Estado. Isso, mesmo sendo catadoras organizadas com atividades que têm forte dependência do Estado na gestão dos resíduos sólidos no DF. Conforme reconta uma catadora:

A fonte de renda era o trabalho né, como é que vai vim pra dentro de casa agora? eu e meu marido (catador) né, nós adoecemos, nós ficamos doente, quando ficamos sem trabalhar, aí que ficou mais estreito (Maria, informação verbal).¹³

As usinas e os galpões de materiais recicláveis no DF foram fechados e lacrados ou tiveram as atividades suspensas pelo Decreto n.º 40.548, de 20 de março de 2020. As trabalhadoras ficaram sem nenhuma renda, seja para se alimentar, pagaros valores absurdos dos aluguéis ou as

tão preocupantes "contas", ficando disponíveis novamente ao mercado de trabalho precarizado. Elas relataram que mesmo com algumas medidas anunciadas em pronunciamentos do governo distrital referente à relativização das dívidas e a impossibilidade do despejo no momento da pandemia, as dívidas continuaram chegando e o aluguel sempre era cobrado em dia, assim como também foi notório na mídia alguns casos de despejo no DF neste período.¹⁴ (STROPASOLAS; TAWANE, 2021, p. 1) Os seguintes relatos das catadoras revelam alguns desses dramas vividos: "O que é quatrocentos e oito reais entendeu, pra quem paga o aluguel de quinhentos, seiscentos reais" (Carla, informação verbal).¹⁵

[...] Principalmente na alimentação, na moradia, porque tem gente que tava trabalhando parar o trabalho de uma vez [...] Achou muito trabalho foi de em negócio de material de construção civil, material de construção essas coisas e teve muitos que até se achou pra fazer uns bicos ali, outros em chácara mais em outro termo todo mundo passou por dificuldade começou a chegar as dívida o pessoal falando que na época de pandemia as dívida que chegasse podia não era preciso pagar se não desse no primeiro mês pagava no segundo mês que os dono das casa não podia tomar as casa das pessoas antes de três mês, e eu te falo uma coisa bem aqui, que eu presenciei ter associado chegar na minha casa e falar fulano(locatário) quer a casa amanhã [...] Ai vinha o gás, vinha a comida não tinha para o medicamento (Sônia, informação verbal).¹⁶

Rocha *et al.* (2021), ao mergulharem na realidade das catadoras de Floriano, no Piauí, identificaram alguns dos mesmos dilemas encontrados na realidade do DF, reafirmando a vulnerabilidade constante da ocupação. Percebeu-se dentre as sequelas paralelas ao medo da contaminação pelo vírus, os dilemas sentidos pelas catadoras em meados de março a início de junho de 2020 eram: a preocupação com as crianças, de não fornecerem mais alimentação para os filhos, ou seja, o medo da fome; a inquietação das trabalha-

¹² Trecho da fala de Sônia concedido aos(as) pesquisadores(as) em 22 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 19min 56s.

¹³ Trecho da fala de Maria concedido aos(as) pesquisadores(as) em 23 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 30min 59s.

¹⁴ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/05/gdf-autoriza-despejo-de-38-familias-em-brasilia-crime-humanitario-diz-advogada>. Acesso em: 15 abr. 2021.

¹⁵ Trecho da fala de Carla concedido aos(as) pesquisadores(as) em 20 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 36min 56s.

¹⁶ Trecho da fala de Sônia concedido aos(as) pesquisadores(as) em 22 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 19min 56s.

doras incluídas nos grupos de risco por conta do desemprego; a sobrecarga do trabalho doméstico e dos cuidados com a prole, ao mesmo tempo que algumas sentiram o tédio de ficar em casa sem fazer "nada" sentindo-se improdutivas; as precárias condições das moradias e a quantidade de pessoas residentes nas casas; a obrigação do pagamento do aluguel aos proprietários das moradias; os anseios dos pagamentos das contas de água, luz, gás de cozinha etc.; o acesso difícil aos serviços de saúde desde atendimentos básicos preventivos até problemas de saúde mais graves; e os obstáculos para o recebimento dos auxílios financeiros como única fonte de renda no momento da proliferação do SARS-CoV-2 no território candango. Como nos relatam algumas catadoras:

Ah! assustador né! pra quem tem filho pequeno dentro de casa né que procura porque eles não entende, eles querem saber mãe quero leite, mãe quero pão tem que ter, aí você tem que se virar nos trinta, a gente não né a gente fica a gente troca a janta pra almoçar no outro dia e as crianças não, então assim a preocupação era nos filhos né no que os nossos filhos vai comer né o que vai ter amanhã (Rita, informação verbal).¹⁷

Não adianta você ter aquele cartão do SUS, pra te falar a verdade eu moro na QNR, eu nunca consegui uma consulta pelo SUS, nunca e olha que já fiquei antes de chegar a cinco horas da manhã e sair de lá onze hora (Sônia, informação verbal).¹⁸

Esse aplicativo mesmo demorou, pra ficava só em análise, demorava muito para dar a resposta e as vezes reprovado não passava, teve muita gente com muita dificuldade que não soube fazer entendeu, às vezes tinha muito filho ficou com medo de botar que tinha filho e não receber, aí recebeu só seiscentos reais teve muita gente assim que não teve tipo assim não teve aquele esclarecimento (Carla, informação verbal).¹⁹

Eu não posso nem chamar aquilo de casa [...] entrou água lá a semana passada foi a água tá batendo na parede que eu fiz até vídeo pra poder arrumar aquele quarto meu tava uma cratera (Sônia, informação verbal).²⁰

A profissão de catadora, até então, não tinha sido reconhecida pelo aplicativo da Caixa Econômica Federal (HENRIQUE; MATTOS, 2020). De acordo com Bastos (2021), grande parte da categoria não foi contemplada com o auxílio governamental federal. Algumas, devido ao comprometimento ou ausência de documentos; outras, pela dificuldade de acesso à rede de *internet*. Nesse sentido, no decurso da COVID-19, quando o momento de crises sanitária, econômica e, sobretudo, humanitária exige a necessidade de ações estatais efetivas, contraditoriamente aconteceu que as catadoras, mais uma vez, tiveram as suas vidas e de seus familiares submetidas ao risco de contágio devido às condições de vida precarizadas. Assim, verificou-se que, durante a pandemia da COVID-19, as marcas da exclusão social e das mazelas da pobreza deixaram mais uma vez à tona essas mulheres em uma situação de extrema vulnerabilidade, onde principalmente os direitos à saúde e de preservação das suas vidas foram violados pelo Estado, tendo em vista que a adoção das medidas sanitárias não permitiu o resguardo de suas vidas, quando comparadas a outros estratos mais privilegiados da sociedade. Nessa direção, uma catadora alertou a respeito de uma das possibilidades de risco de contaminação na ocupação:

quando eu entrei aqui na associação né há um medo né quem nunca trabalhou com resíduos sólidos nunca trabalhou com o lixo tem aquele anseio né, então assim tem aquele medo tanto é igual eu falei pra você querendo ou não cai lixo agulha seringas né, muitos ali sem querer né vai ali pegar se fura aí a gente já fica com aquele medo né (Rita, informação verbal).²¹

Também relataram a respeito do desamparo que sentem em relação ao acesso dos serviços locais de saúde: "o SUS pra nós catador pra nós [...] é uma negação mais antes ficar em casa (Maria, informação verbal).⁹ E, ainda, neste outro trecho:

¹⁷ Trecho da fala de Rita concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 04min.

¹⁸ Trecho da fala de Sônia concedido aos(as) pesquisadores(as) em 22 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 19min 56s.

¹⁹ Trecho da fala de Carla concedido aos(as) pesquisadores(as) em 20 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 36min 56s.

²⁰ Trecho da fala de Sônia concedido aos(as) pesquisadores(as) em 22 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 19min 56s.

²¹ Trecho da fala de Rita concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 04min.

o SUS nunca teve preparado, a maior reclamação hoje em dia no DF é os hospitais e isso não é de hoje é de antes da pandemia, então assim com a pandemia piorou mais ainda (Rita, informação verbal).²²

As mulheres catadoras vivem em uma situação complexa marcada pelas desigualdades de saúde e pela falta de políticas públicas para sua proteção social por parte dos gestores públicos no âmbito do DF. A pandemia da COVID-19 revelou uma das demandas necessárias e urgente para a categoria, como o direito à moradia, onde em um momento de crise sanitária foi oneroso para as trabalhadoras manterem os pagamentos dos aluguéis em dia. Conforme explica uma catadora: "é muito raro você entrar na casa do catador ou da catadora e ser casa própria, é alugada e onde é que você com 408 reais você vai pagar um aluguel, você vai se alimentar né [...] pagar água e luz" (Rita, informação verbal).²³

Desse modo, a desassistência constante por parte do Estado e, mais uma vez, repetida durante a pandemia da COVID-19, configurou-se como realidade complexa para as catadoras instaurada na maioria das regiões brasileiras. Destaca-se a importância dos Ministérios Públicos, os quais tiveram uma atuação significativa recomendando a necessidade de medidas sanitárias de proteção à COVID-19 nos locais de trabalho devido aos vários riscos ocupacionais inerentes à ocupação e apontaram para a indispensabilidade de os governos ofertarem apoio financeiro em consequência da situação de extrema vulnerabilidade social das catadoras.

Historicamente, nota-se no cotidiano dessas mulheres as adversidades relacionadas ao acesso às políticas públicas de forma latente, como a falta de acesso à educação e as barreiras de acesso aos serviços de atenção à saúde e à assistência social. Isso teve consequências neste momento da COVID-19, como conta uma catadora de forma muito emocionada, com tristeza em seus olhos, pois as aulas na escola dos filhos e da neta estavam acontecendo de forma remota:

[...] eu sou analfabeta [...] eu tenho que ensinar minha filha [...] eu me sinto uma inútil, porque eu tenho que ajudar minha filha do nono ano, meu filho do quarto ano, tenho que ajudar meu filho do terceiro ano, tenho que ajudar minha filha do primeiro ano e tenho que ajudar a minha netinha da creche (Maria, informação verbal).²⁴

Desse modo, com a conjuntura de desigualdades sociais já existentes antes mesmo da crise sanitária, as vulnerabilidades aumentaram durante a pandemia. Para Boaventura (2020), a COVID-19 gerou um grande impacto sobre a vida das populações vulnerabilizadas. Em relação às condições de moradia das catadoras, por exemplo, reconhece-se a existência de uma quantidade maior de pessoas convivendo nos domicílios ou no mesmo lote quando comparada às classes socialmente e economicamente mais privilegiadas, o que complica a manutenção do isolamento e distanciamento social. E o elemento mais crítico da realidade delas: as condições impostas pelo trabalho informal como forma de produção preferencial para o capital. Além de terem uma intensa vida, marcada pelas relações sociais com as amigas da cata, a convivência familiar cotidiana e a vizinhança. Ou seja, esse contexto sucede ao contrário das recomendações das autoridades sanitárias.

Em contrapartida, embora as medidas sanitárias mais rígidas e necessárias de isolamento e distanciamento social naquele momento, entre março e setembro de 2020, fossem uma estratégia oportuna para contenção da proliferação do SARS-CoV-2 no território candango, elas deveriam ter tido um suporte financeiro digno e um olhar cuidadoso do poder público para a sua realidade. Uma realidade que necessita constantemente de ações de proteção social. Isso facilitaria o controle da pandemia, sobretudo, porque elas, nos meses de março a junho de 2020, estavam seguindo com mais afinco as recomendações possíveis.

Reitera-se que, principalmente, era essencial estabelecer um diálogo próximo com as lideranças das associações por parte do governo, tendo

²² Trecho da fala de Rita concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 04min.

²³ Trecho da fala de Rita concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 04min.

²⁴ Trecho da fala de Maria concedido aos(as) pesquisadores(as) em 23 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 30min 59s.

em vista que para elas foi um momento marcado por pouco diálogo com o poder público. Ainda mais, por trabalharem conjuntamente com o governo na gestão dos resíduos sólidos, através de um contrato de prestação de serviços, desempenhando um papel especial e único no ciclo da reciclagem: ajudam diretamente no cuidado com o meio ambiente para toda a sociedade. Diante disso, uma catadora relata: "Ele (governo) tinha que dar pelo menos todo mês uma quantia para nós né [...] era uma enrola danada, deu foi só um mês ou dois". (Ingrid, informação verbal).²⁵ A mesma ainda acrescenta: "O pior que esse dinheiro era pouco [...] *não dava para gente que mora de aluguel ainda falta*" (Ingrid, informação verbal).²⁶ E o sentimento de uma terceira catadora é similar:

Abandonou a gente, nossa abandonou mesmo, a hora que a gente mais precisou dele (governo), eles abandonaram a gente né, porque iludiu primeiro porque disse que ia dar os quatrocentos e oito reais, então a gente ficou toda esperançosa né fiquemo muito feliz já contando de pagar pelo menos uma luz, uma água ou trocar um gás, aí cadê não veio (Maria, informação verbal).²⁷

Contraditoriamente, constatou-se o fato de que o governo demorou a agir em relação à crise sanitária instaurada no DF voltada à proteção social das catadoras, ao mesmo tempo que proferia um cenário de apoio à categoria. Esse foi um momento que elas, mais uma vez, se sentiram desprotegidas pelas ações estatais, embora isso já seja uma constante em suas vidas, mostrando o poder de luta e organização coletiva da categoria. Conforme explicam as catadoras: "Eles correram atrás lutaram e ainda saiu uma parcela na briga na marra e não foi todos, só alguns que receberam". (Ingrid, informação verbal).⁸

O governo na verdade pra ele liberar uma renda foi muito difícil né, o governo ele se prendeu muito, ele demorou muito em agir né [...] eles sabia antes do que nós dessa doença, porque que ele não preparou a população, não prepa-

rou essa questão do financeiro, ele sabia que teria que fazer quarentena porque os outros países já estavam fazendo a quarentena ele tinha que fechar os negócios tinha que fechar loja, então assim eles já sabiam porque que não providenciaram, diante mão de uma questão ou algo pra fazer em relação a essas famílias ainda mais famílias carentes (Rita, informação verbal).²⁸

Devia ter feito mais, porque a nossa associação precisou muito de ajuda né, mais no financeiro mais em dinheiro, porque muitas famílias muita gente desempregada passando por necessidades (Ingrid, informação verbal).²⁹

Diante da desassistência por parte do Estado, o contexto provocou regimes de medo e insegurança, quando ao contrário deveria assegurar-lhes o direito à vida. Portanto, isso agravou a situação na medida em que há o medo de contrair o vírus, mas concomitante a ele acoplou-se o medo da fome, do despejo, do desemprego etc., que naquele momento, para elas, fez mais sentido, haja vista que as estratégias governamentais eram justamente a de culpabilização das trabalhadoras pela crise sanitária e econômica instauradas. Nesse sentido, em decorrência da ausência de proteção para as catadoras, elas não tiveram outra opção senão a de se colocar à disposição para retornar ao trabalho, ficando à mercê do vírus.

Do mesmo modo, percebeu-se que com a disseminação do SARS-CoV-2 na sociedade, ficou evidente a marca dos sistemas de opressão no cotidiano das mulheres catadoras. Vilma Piedade (2017), conceitua o que ela chama de dororidade, contrapondo aos significados e a noção de sororidade, que limita as opressões vividas pelas mulheres pretas e pobres e não reconhece a dor particular e sentida somente pelas mulheres pretas. Por outro lado, a dororidade é histórica, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo e machismo. E essa dor é preta, resultando dos indicadores de violências, índices de homicídios, violência sexual, feminicídio, genocídio da juventude preta. É uma dor que só pode ser sentida a depender da cor

²⁵ Trecho da fala de Ingrid concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 31min 44s.

²⁶ Trecho da fala de Ingrid concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 31min 44s.

²⁷ Trecho da fala de Maria concedido aos(as) pesquisadores(as) em 23 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 30min 59s.

²⁸ Trecho da fala de Rita concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 04min.

²⁹ Trecho da fala de Ingrid concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 31min 44s.

de pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor. Dororidade vem de “dor”, sofrimento, seja físico, moral ou emocional. Ou seja, dor não se mede, é de quem a sente (PIEDADE, 2017, p. 16).

Dado que as vidas precarizadas e vulnerabilizadas dessas mulheres negras são os reflexos das desigualdades estruturantes produzidas na sociedade, as quais elas convivem e ressignificam em todas as etapas do ciclo da vida, percebeu-se de forma mais significativa no período da COVID-19 como as desigualdades estruturantes da sociedade capitalista interferem no estado de saúde delas. Catadores e catadoras foram afetadas de forma diferente pela COVID-19. Segundo Pimenta *et al.* (2020), os homens geralmente sofrem com os efeitos primários de surtos (probabilidade de morte etc.), mas as mulheres, com os efeitos secundários (socioeconômico, entre outros).

Observou-se um aumento na carga de trabalho doméstico não remunerado relacionado aos cuidados nos lares, em razão da suspensão de uma série de serviços, adotada como medida de restrição social. Creches, escolas e atividades complementares voltadas para crianças foram suspensas, o que aumentou o tempo deles(as) em seus lares (PINHEIRO; TOKARSKI; VASCONCELOS, 2020, p. 9). Especialmente, durante a pandemia da COVID-19, as atividades de ensinar as proles e as responsabilidades com as demandas da escola foram transferidas exclusivamente para as mães catadoras, e algumas delas se sentiram fragilizadas, já que é um grupo marcado pela baixa escolaridade.

Em contrapartida, nas classes sociais mais privilegiadas esse trabalho doméstico não remunerado era compartilhado, muitas vezes, com os(as) companheiros(as). Além do compartilhamento as mães com níveis educacionais mais elevados – classe média, contavam com habilidades e experiências educacionais capazes de ensinar e acompanhar a aprendizagem aos seus filhos. Além disso, segundo Pires (2020), a dificuldade de acesso à renda soma-se à suspensão das

atividades escolares, repercutindo no comprometimento do acesso à alimentação para crianças e adolescentes de baixa renda, para os quais a merenda escolar constitui elemento central da segurança alimentar e nutricional.

Nesse sentido, no caso das catadoras, elas não conseguiam atender às necessidades educacionais dos filhos e, somado a isso, ainda tinham questões ligadas às ausências dos equipamentos tecnológicos ou à qualidade comprometida dos dispositivos para o desenvolvimento e a participação dos filhos e netos nas atividades pedagógicas – também não descartando o espaço escolar como agente que diminui a insegurança alimentar de seus filhos. Como presente nos relatos: “Não tá sendo fácil o ensinamento dentro de casa né, tá muito difícil [...] tem essa questão né, virou professora, virou mãe, virou tudo trabalha em casa” (Rita, informação verbal).³⁰ “Tem hora que eu vou dar aula para os meu neto e meus neto fala assim, uai vô não é assim não” (Sônia, informação verbal).³¹ “Esse negócio de online aí, eu nunca conseguir entrar acredita, porque meu celular está com a memória cheia” (Carla, informação verbal).³²

Observou-se um aumento significativo do cuidado das mulheres catadoras com os afazeres do lar e a intensa preocupação com o cuidado dos filhos e netos, haja vista as creches ficaram fechadas e houve ausência de redes de apoio para atenção aos filhos. Para além dos efeitos da precariedade do trabalho, as mulheres também são afetadas de forma diferenciada nessa crise devido à ausência de atividades escolares presenciais e ao aumento das atividades domésticas e de cuidados (BARBOSA; COSTA; HECKSCHER, 2020). No caso das catadoras, antes da pandemia, essa preocupação era menor, mas, mesmo assim, sempre foram atividades marcadas pela responsabilidade exclusiva delas, o que reflete a intensa estrutura patriarcal que afeta diretamente o estado de saúde dessas trabalhadoras, principalmente, nos aspectos emocionais e psi-

³⁰ Trecho da fala de Rita concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 04min.

³¹ Trecho da fala de Sônia concedido aos(as) pesquisadores(as) em 22 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 19min 56s.

³² Trecho da fala de Carla concedido aos(as) pesquisadores(as) em 20 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 36min 56s.

cológicos. Como nos contam as entrevistadas: "Eu colocava menino pra dentro, aí sozinha e o marido não mim ajudava e eu ficava nervosa estressada, porque eu me preocupava né eu ficava estressada, então aí sobrava mais pra mim" (Maria, informação verbal).³³ "Tudo ficou descontrolado criança dentro de casa muito barulho, muita sujeira" (Ingrid, informação verbal).³⁴

A mulher em si ela já tem esses dois trabalho né, ela chega do trabalho e tem o trabalho dentro de casa, então na pandemia ela já está dentro de casa o trabalho do lar né ele duplicou né, o que ela tinha pra fazer duplicou, porque os filhos estão em casa come mais, tem a rotina aumentou então, assim se ela não parava antes aí que na pandemia não parou mesmo dentro de casa (Rita, informação verbal).³⁵

As questões das desigualdades de gênero marcam a realidade de vida dessas mulheres e o período pandêmico agudizou mais ainda esse fenômeno no dia a dia das catadoras. Cabe salientar que elas se viram mais vulneráveis do que quando comparadas aos homens também no que tange à manutenção da renda. Mesmo as mães solas, tendo um auxílio financeiro maior por parte do governo federal, passaram por dificuldades significativas quando comparadas com aquelas que tinham mais pessoas provendo a renda. Por outro lado, observou-se que as mulheres que estavam vinculadas ao Programa Bolsa Família (PBF) e ao Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico), tiveram menos dificuldades para recebimento do auxílio emergencial, o que mostra a importância do uso de programas de transferência de renda e da assistência social de forma contínua para com essas famílias.

Além das barreiras para o recebimento dos auxílios dos governos, outras situações que também recaíram sobre elas ampliaram a vulnerabilidade. Como explicam nos relatos: "O pai dos meninos (catador) nem deu pensão, porque também não

estava trabalhando, aí foi mais uma dificuldade" (Carla, informação verbal).³⁶

Lá em casa como o meu marido ele tá preso né, aí ele tá no galpão agora né, aí eu fiquei com medo, porque lá só é eu lá em casa para tudo pra aluguel, pra pagar água, pagar luz, eu fiquei com muito medo de nós não voltar a trabalhar de novo sabe (Célia, informação verbal).³⁷

Desse modo, a pandemia do novo coronavírus não só evidencia as desigualdades sociais perante a saúde na vida dessas mulheres, como agudiza as iniquidades sociais e o sofrimento que vivem, tendo em vista as principais dificuldades existentes antes mesmo da situação pandêmica. Destaca-se, por exemplo, no cotidiano de vida delas, a lógica de exploração do sistema capitalista quando são tratadas meramente como pessoas disponíveis para o trabalho, verificadas as ausências da proteção social do Estado em suas vidas e identificadas as desigualdades de gênero que se intensificaram nesta época da COVID-19.

Desse modo, a contemporaneidade do vírus não foi destoante do que elas já viviam e lutavam no cotidiano, historicamente essas mulheres passam por situações de violências em suas vidas, seja quando é exercida pelo próprio Estado na supressão dos seus direitos enquanto cidadãs ou quando ocorre a violência de gênero dentro dos seus lares. É como dito pelo filósofo e historiador Achille Mbembe (2018) referente à política da morte: diante das crises e das situações de emergência ela parece afetar sempre as mesmas raças, gênero e classes sociais.

Assim, com a pandemia do novo coronavírus não seria diferente. Diante da total ausência do Estado junto às catadoras, sentiu-se que os valores da vida dessas trabalhadoras não têm importância para os governantes. Em contrapartida, isso reforça o pressuposto de que algumas vidas têm mais valor e prestígio do que outras, inclusive com o retorno das atividades laborais

³³ Trecho da fala de Maria concedido aos(as) pesquisadores(as) em 23 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 30min 59s.

³⁴ Trecho da fala de Ingrid concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 31min 44s.

³⁵ Trecho da fala de Rita concedido aos(as) pesquisadores(as) em 21 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 1h 04min.

³⁶ Trecho da fala de Carla concedido aos(as) pesquisadores(as) em 20 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 36min 56s.

³⁷ Trecho da fala de Célia concedido aos(as) pesquisadores(as) em 23 de outubro de 2020, em entrevista com duração de 16min 30s.

nas usinas e galpões de triagem em um período de total descontrole e incertezas no que se refere ao impacto do SARS-CoV-2 no corpo humano.

Constatou-se que as medidas sanitárias adotadas de forma padronizada, principalmente em relação ao isolamento e ao distanciamento social, não fazem sentido para essa categoria, pois suas atividades laborais não podem ser executadas a distância, de forma remota e pelo fato de receberem os proventos através da produção diária. Ainda assim pelo vínculo precarizado do trabalho informal e ausência total de renda para subsistência nesse período.

Neste sentido, este contexto torna-se mais injusto socialmente quando não se teve um olhar dos governos para esta realidade, sobretudo, ao estabelecimento de um estreito diálogo com a categoria e na promoção de ações educativas com informações esclarecedoras sobre a proliferação do vírus para as trabalhadoras da reciclagem nos territórios das periferias e associações. Em contrapartida, uma parcela privilegiada da sociedade tem conseguido a manutenção dos seus vínculos de trabalho formal e o exercício de suas atividades profissionais de forma remota, combinados com cuidados aos familiares a partir de suas residências (PIRES, 2020).

Considerações finais

Os fatos demonstram uma preocupação maior referente à questão da disseminação do novo coronavírus nas comunidades urbanas pobres e vulneráveis, como é o caso das envolvidas nesta pesquisa que, cotidianamente, estão inseridas em uma lógica de precarização da vida e do trabalho. Acredita-se que a partir da crise sanitária brasileira desencadeada pela COVID-19 ocorreu de modo expressivo o aumento da vulnerabilidade das catadoras, o que revela, escancara e agudiza mais ainda a realidade das desigualdades em saúde no universo dessas mulheres. Resta sabermos se, de uma condição aguda, as desigualdades passarão mesmo para uma condição crônica na realidade das catadoras. Isso, tendo em vista que é uma crueldade naturalizarmos as desigualdades e as contradições que subjagam grande parcela da

sociedade, que não são minorias, mas sim maioria.

A realidade revela contradições relacionadas à padronização das medidas de prevenção e à promoção da saúde por parte dos gestores públicos e das autoridades sanitárias a toda população brasileira. Além disso, expõe a falta da crítica ao modelo de sociedade capitalista diante da crise imposta pela pandemia da COVID-19 na vida dessas pessoas e de grupos sociais vulneráveis. Estes cenários são os reflexos da complexidade do SARS-CoV-2, juntamente com as medidas sanitárias insuficientes adotadas pelos governos para manutenção da saúde das pessoas, onde, pelo que observamos e acompanhamos, preferiram utilizar a política da morte. Assim, a crise sanitária instaurada refletiu a fragilidade das catadoras em face ao ciclo da reciclagem. Este fato demonstra a necessidade urgente de ações governamentais que abarquem esse grupo social, tanto em momentos críticos, como o da pandemia, quanto no pós-pandemia da COVID-19, visando superar a invisibilidade social.

Referências

ALMEIDA, Jane Rabelo; ELIAS, Elcinéia Tavares; MARGALHÃES, Marcos Alves de; VIEIRA, Antônio José Dias. Efeito da idade sobre a qualidade de vida e saúde dos catadores de materiais recicláveis de uma associação em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, [S. l.], v. 14, n. 6, p. 2169-2180, 2009.

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda; COSTA, Joana Simões; HECKSHER, Marcos. *Mercado de trabalho e pandemia da covid-19: ampliação de desigualdades já existentes?* Brasília: Ipea, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercado-dodetrabalho/200811_BMT_6g_mercado_de_trabalho.pdf. Acesso em: 1 nov. 2022.

BASTOS, Valéria Pereira. Catadores de materiais recicláveis e a Covid 19: impactos no trabalho diante da pandemia. *Campos Neutrais - Revista Latino-Americana de Relações Internacionais*, Rio Grande, RS, v. 3, n. 1, p. 118-132, 2021.

BESEN, Gina Rizpah; GUTBERLET, Jutta. Os catadores de materiais recicláveis e a Covid-19. *Dossiê Covid-19 Diálogos Socioambientais na Macrometrópole*, [S. l.], v. esp., n. 5, p. 26-27, 2020.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COSTA, Marco Aurélio et al. *Apontamentos sobre a dimensão territorial da pandemia da covid-19 e os fatores que contribuem para aumentar a vulnerabilidade*

socioespacial nas unidades de desenvolvimento humano de áreas metropolitanas brasileiras. Brasília: Ipea, 2020. (Nota Técnica, n. 15).

DISTRITO FEDERAL. Decreto Nº 40.548, de 20 de março de 2020. Dispõe sobre a suspensão dos serviços de coleta seletiva, triagem de resíduos recicláveis e compostagem no âmbito do Distrito Federal. Brasília: Governo do Distrito Federal, [2020]. Disponível em: http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2020/03_Mar%C3%A7o/DODF%20034%2020-03-2020%20EDI-CAO%20EXTRA%20A/DODF%20034%2020-03-2020%20EDICAO%20EXTRA%20A.pdf. Acesso em: 26 jun. 2022.

DISTRITO FEDERAL. Decreto Nº 40.847, de 30 de maio de 2020. Autoriza a continuidade dos serviços de coleta seletiva e triagem de resíduos sólidos recicláveis no âmbito do Distrito Federal. Brasília: Governo do Distrito Federal, [2020]. Disponível em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/bcgde9210ebe460aa23f31369f0da-7ac/Decreto_40847_30_05_2020.html. Acesso em: 26 jun. 2022.

HENRIQUE, Roberto Luís da Silva; MATTOS, Aluizio de Oliveira. Contexto socioambiental das cooperativas de catadores do Rio de Janeiro e os impactos da COVID 19. *Revista Internacional de Ciências*, [S. l.], v. 10, n. 03, p. 32-49, set./dez., 2020.

JÚNIOR, Armando. Borges de Castilhos et al. Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 11, p. 3115-3124, 2013.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC, 2010. p. 61-76.

MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina; PORTO, Eline. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. *Rev. bras. ciênc. e mov.*, [S. l.], v. 13, n. 4, p. 107-114, 2005.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES(AS) DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. *Quantos catadores existem em atividade no Brasil?* [S. l.]: MNCR, 2019. Disponível em: <http://mncr.org.br/sobre-o-mncr/duvidas-frequentes/quantos-catadores-existem-em-atividade-no-brasil>. Acesso em: 6 jun. 2022.

NAKAMURA, Eunice. *O método etnográfico em Pesquisas na área da saúde: uma reflexão antropológica*. *Saúde Soc.*, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 95-103, 2011.

OLIVEIRA, Michele Morais et al. A sobrevivência como foco: cotidiano e perspectivas de futuro dos catadores de materiais recicláveis. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, Viçosa, v. 22, n. 1, p. 6-24, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

PIEDADE, Vilma. Dororidade. 1. ed. [S. l.]: Editora Nós, 2017.

PIMENTA, Denise Nacif et al. Leituras de Gênero sobre a Covid-19 no Brasil. In: MATTA, Gustavo Corrêa; REGO, Sergio; SOUTO, Ester Paiva; SEGATA, Jean (org.). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19: Editora FIOCRUZ, 2021. p. 159-170.

PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina; VASCONCELOS, Marcia. *Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de covid-19 no Brasil*. Brasília: Ipea, 2020. (Nota Técnica, n. 75).

PIRES, Roberto Rocha Coelho. *Os efeitos sobre grupos sociais e territórios vulnerabilizados das medidas de enfrentamento à crise sanitária da covid-19: propostas para o aperfeiçoamento da ação pública*. Brasília: Ipea, 2020. (Nota Técnica, n. 33).

ROCHA, Isabella Cristina Sousa et al. COVID-19 e os catadores de materiais recicláveis: riscos, medos e angústias de uma profissão esquecida. *R. Eletr. de Extensão*, Florianópolis, v. 18, n. 40, p. 17-35, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Virus*. [S. l.]: Almedina, 2020.

SANTOS, Márcia Pereira Alves dos et al. População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. *Estud. av.*, São Paulo, SP, v. 34, n. 99, p. 225-144, 2020.

SILVA, Ari Rocha da; SANTOS, Thelma Flaviana Rodrigues dos; CARDOSO, Alexandre. Covid-19 e a precarização da vida precária: dilemas e estratégia de sobrevivência de catadores de materiais recicláveis. In: Silva, Ari Rocha da; Oliveira, Roberto Vêras (org.). *Trabalho & Pandemia: informalidade, precarização e suas múltiplas relações*. 1. ed. São Paulo: Annablume Editora Comunicação, 2021. v. 1, p. 37-62.

ZANETI, Izabel Cristina Bruno Bacellar. *As sobras da modernidade: o sistema de gestão de resíduos em Porto Alegre*, RS. Porto Alegre: Ed. CORAG, 2006.

ELEUTÉRIO, Júlia. Distrito Federal tem 11% dos catadores de recicláveis do país. *Correio Braziliense*, Brasília-DF, 26 nov. 2020.

STROPASOLAS, Pedro; TAWANE, Nayá. GDF despeja 38 famílias em Brasília nesta segunda: "Crime humanitário", diz advogada. *Brasil de Fato*, Brasília-DF, 05 abr. 2021.

Joaquim Pedro Ribeiro Vasconcelos

Doutor em Ciências e Tecnologias em Saúde pela Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil; sanitário. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), em Águas Lindas, GO, Brasil.

Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti

Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável da UnB, em Brasília, DF, Brasil.

Sílvia Maria Ferreira Guimarães

Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UnB, em Brasília, DF, Brasil.

Endereço para correspondência

Joaquim Vasconcelos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Rua 21 Jardim Querência

Águas Lindas de Goiás, 72910-733

Goiás, GO, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.